

Viagem ao Rio Grande do Sul: algumas reflexões sobre a história da língua e do sujeito gaúcho

Daiane da Silva Delevati (UFSM)

Resumo: Este trabalho visa apresentar alguns resultados da dissertação intitulada *Relatos de um viajante: investigações em torno do processo de construção da história de língua e de sujeito gaúcho*. Nesse estudo, embasados numa perspectiva discursivista, propomos uma reflexão sobre a constituição da língua e do sujeito gaúcho na história, a partir do discurso de Auguste de Saint-Hilaire em *Viagem ao Rio Grande do Sul* (1887), levando em conta o homem na sua história e considerando os processos e as condições de produção dos relatos. Para isso, mobilizamos as noções de língua e sujeito, procurando explicitar o movimento dos sentidos presentes nas descrições do discurso sobre a língua e sobre o gaúcho e ainda observar como o discurso da civilização atravessa os relatos de Saint-Hilaire, sobrepondo a língua do civilizado à do não-civilizado.

Palavras-chave: Discurso; língua, sujeito; História; relato de viagem.

Abstract: This paper aims at presenting some results of my master thesis entitled *Tales of a traveler: investigations around the process of construction of the history of language and of the gaucho subject*. In this study, based on a discursive perspective, we propose a reflection upon the constitution of language and of the gaucho subject in history from the discourse of Auguste de Saint-Hilaire in *Viagem ao Rio Grande do Sul* (1887), taking into account man within his history and considering the processes and conditions of production of the tales. Therefore, we have mobilized the notions of language and subject, attempting to outline the movement of meanings present in the descriptions of discourse on language and on the gaucho and also trying to observe how discourse of civilization underpins the reports of Saint-Hilaire, overlapping the language of the civilized over the non-civilized.

Keywords: Discourse, language, subject, History, travel log.

Introdução

O presente texto decorre da dissertação intitulada *Relatos de um viajante: investigações em torno do processo de construção da história de língua e de sujeito gaúcho*¹. Nesse trabalho, propomos uma reflexão acerca da constituição da língua e do sujeito gaúcho na história, a partir do discurso de Auguste de Saint-Hilaire em “Viagem ao Rio Grande do Sul” (1887), levando em conta o homem na sua história e considerando os processos e as condições de produção dos relatos. Nesse sentido, a questão de pesquisa que orientou esse estudo foi: Como se constitui o discurso sobre a língua e sobre o sujeito gaúcho em “Viagem ao Rio Grande do Sul” de Saint-Hilaire? A fim de respondê-la,

¹ Dissertação defendida no dia 28 de fevereiro de 2014 na Universidade Federal de Santa Maria/RS, sob a orientação da Prof.^a Dra. Verli Fátima Petri da Silveira.

mobilizamos as noções de língua e sujeito da perspectiva discursivista, investigando como se realizam os processos de paráfrase e polissemia (ORLANDI, 2007a), procurando explicitar o movimento dos sentidos presentes nas descrições do discurso sobre a língua e sobre o gaúcho e, além disso, observando como o discurso da civilização atravessa os relatos de Saint-Hilaire, sobrepondo a língua do civilizado à do não-civilizado. Para tanto, seguimos os pressupostos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa, fundada por Michel Pêcheux, e da História das Ideias Linguísticas, representada por Sylvain Auroux, ambas desenvolvidas no Brasil principalmente por Eni Orlandi e José Horta Nunes. Para este artigo, trazemos um recorte dos relatos para pensar o funcionamento do encontro da memória com a atualidade.

A escolha da obra “Viagem ao Rio Grande do Sul”, de Saint-Hilaire, é resultado do estranhamento que as leituras realizadas nos causaram, pois os relatos se referiam, entre outros fatores, a uma língua e a um sujeito que nos eram conhecidos e, por vezes, desconhecidos, mas constitutivos de nossa história. Assim, diante dos relatos do viajante francês que, muitas vezes, intrigaram-nos pelo olhar “preconceituoso”, nasceu outra vez o interesse por investigar mais sobre o funcionamento da linguagem. Assim, não estávamos mais em busca de certezas sobre a “história”, mas nos propondo a investigar como se davam os processos de construção de uma história sobre uma língua e sobre os sujeitos falantes dessa língua, esculpida na própria língua e nas imagens de sujeito. Desse modo, é o discurso do viajante francês, presente nesses relatos, o objeto de estudo deste artigo.

Para desenvolver tal pesquisa, selecionamos a edição de “Viagem ao Rio Grande do Sul” traduzida e publicada por Adroaldo Mesquita da Costa, no Brasil, em 1987. Essa versão é considerada a tradução completa do texto da edição francesa de 1887, feita 34 anos após a morte de Saint-Hilaire e reprodutora de todas as anotações de sua viagem². Já a edição completa, utilizada nesse trabalho, tem vinte e dois capítulos dedicados à viagem ao Rio Grande do Sul e correspondente ao período de 05 de junho de 1820 a 24 de junho de 1821.

Considerando essas informações, devemos lembrar que Saint-Hilaire escreve em francês essa obra, que é publicada na França, após a sua morte, em 1887. Isso nos levou a refletir sobre o modo como a língua é representada nos relatos. É necessário compreender

² Antes disso, a obra sobre a visita de Saint-Hilaire ao Rio Grande do Sul fora traduzida e publicada, em partes, no Anuário do Estado do Rio Grande do Sul, em 1913, por um tradutor anônimo, e correspondia a um período de dez dias de viagem, que são relatados no primeiro capítulo da edição de 1987. Já a edição completa, utilizada nesse trabalho, tem vinte e dois capítulos dedica-dos à viagem ao Rio Grande do Sul e correspondente ao período de 05 de junho de 1820 a 24 de junho de 1821

que a língua que se mostra (com listas de palavras, com palavras isoladas, com as frases, etc.) para o mundo não é a língua do sujeito gaúcho, mas uma língua que foi tomada e adaptada pelo viajante francês, e que está sob o efeito de um imaginário de objetividade, de transparência, efeito característico dos discursos dos relatos do século XIX (ORLANDI, 2002, p. 309). De acordo com a autora, esses textos são predominantemente descritivos e funcionam como discursos verdadeiros, especialmente no que concerne à obra em análise, uma vez que Saint-Hilaire estava no Brasil pelo Museu de Paris. É essa ilusão de transparência, de objetividade, que nos leva a pensar que os dizeres se apresentam como evidentes e que desconsideram, muitas vezes, a historicidade do que está sob interpretação, nesse caso, a língua e o sujeito gaúcho, sob o olhar francês.

Ao observarmos essas condições históricas, temos de considerar que o discurso sobre o sujeito gaúcho está à mercê dessa exterioridade que lhe é própria, ao que está no Interdiscurso³, já-lá, posto pelo outro, dito antes, e que limita o dizer do viajante francês, orienta o seu dizer, define o que pode ser dito, sendo determinado pelas formações discursivas⁴ que lhe são constitutivas. É preciso, então, pensar que o objeto de estudo do nosso trabalho – o discurso sobre a língua e sobre o sujeito gaúcho – está determinado pelos discursos que são correntes na Europa no século XIX e que se relacionam com outros discursos já estabilizados, de outros viajantes, como os discursos do descobrimento. E isso nos faz olhar para o discurso do viajante, observando a importância do relato para os estudos da língua na construção de um imaginário sobre o outro e, conseqüentemente, sobre a língua desse outro, observando, ainda, alguns termos que foram anotados pelo viajante como específicos de um falar comum sobre outras palavras, que se diferenciavam da língua portuguesa. Tais termos, mais tarde, passaram a compor os dicionários regionalistas - os quais assinalam que há línguas no interior de uma língua-, ou mesmo podem ter sido inseridos aos dicionários de língua nacional.

³ Definido por Pêcheux (2009 [1988], p. 154) como um “pré-construído, que fornece, por assim dizer, a matéria prima na qual o sujeito se constitui como ‘sujeito falante’, com a formação discursiva que o assujeita”.

⁴ Concebida e explicada por Pêcheux como [...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito [...]. (PÊCHEUX, 2009, p. 147).

1. Relatos de viagem: Participante da construção do processo de instrumentalização das línguas?

Levando em conta a historicidade do nosso objeto estudo, percebemos, a partir da leitura de “Viagem ao Rio Grande do Sul”, que, para Saint-Hilaire, tudo merecia registro e, por isso, tem-se nos relatos observações sobre a língua e sobre o habitante rio-grandense. E são essas observações que nos interessam, visto que, desde o século XV, constrói-se pouco a pouco um modo de conhecimento sobre a língua falada pelo sujeito brasileiro do sul. Os relatos de viagem, em tempos de escassez de instrumentos linguísticos tradicionais como dicionário e gramáticas, podem funcionar como um lugar privilegiado de descrição linguística, servindo como um material de apoio para o ensino e aprendizagem de uma língua. O relato de viagem se configura como o lugar em que as línguas “são pouco ou menos ‘não-instrumentalizadas’” (AUROUX, 1992, p. 70). Em relação a línguas não-instrumentalizadas, em pesquisa realizada com relatos de viagem de colonizadores e missionários, escritos e publicados entre os séculos XIV e XVIII, Paim observa:

Em nossa análise, ao dizermos “a descoberta da língua”, entendemos que o descobridor toma posse dela, da mesma forma que do espaço e dos corpos. Há um batimento entre o acontecimento [...], com o gesto de posse e a constatação da necessidade desse saber, e a história, o aprendizado pelo intérprete e a gramatização pelos jesuítas (PAIM, 2009, p. 233).

De acordo com essas considerações, podemos observar, em “Viagem ao Rio Grande do Sul”, que Saint-Hilaire preocupa-se em registrar uma lista de palavras⁵ usadas pelos habitantes de uma aldeia indígena chamada Aé-Garras⁶, e, além de listá-las, com seus significados, traça comentários sobre a pronúncia, estabelecendo relações de diferenças e semelhanças em relação à sua língua, a francesa. Poderíamos dizer, em conformidade com Paim (2009), que há um gesto de posse por parte daquele que relata, afinal, a língua que antes era apenas propriedade dos índios guaicurús, ao ser registrada, passa a circular para o Velho Mundo a partir da leitura e da compreensão do viajante francês. Além disso, antes de apresentar a referida lista de palavras da língua dos guaicurús, o viajante relata que, antes, já havia anotado outras palavras dessa mesma língua:

Quando estive em Belém, o major mostrou-me um guaicuru que, pouco depois, atravessava o Rio Uruguai, e se refugiava no campo. Este homem

⁵ Página 235: “Palavras da língua dos guaicurús”.

⁶ A aldeia Aé-Garras ficava situada na fronteira entre Brasil e Uruguai, onde, atualmente, do lado brasileiro, está a cidade de Santana do Livramento-RS e por onde Saint-Hilaire passou em 28 de janeiro de 1821.

[...] disse-nos ser uma aldeia chamada São Xavier, que não fica acrescentou ele, muito longe de Santa Fé e Rio Salgado. Deixei-o estupefato lendo-lhes as palavras de sua língua, que me foram ensinadas por mulheres guaicurús. Achou-as quase todas exatas e deu-me outras, que copio em seguida a este diário (SAINT-HILAIRE, 1987, p. 234).

Eis alguns registros feitos pelo viajante (Figuras 1 e 2):

Palavras da língua dos guaicurús	
— cabeça	caik
— céu	pigome
— sol	navarrèra (1)
— lua	sirahègo
— estrelas	avakatni
— terra	llèva(2)
— homem	iallè
— mulher	alo
— menino	notoleke
— pai	ita
— mãe	ihalè (3)
— filho	yalèke (4)
— filha	yalè
— cabelos	lavè
— olhos	gotè
— nariz	limèke
— boca	allape
— dentes	lovè
— língua	lolegaranote
— pescoço	cosote
— braços	làva (5)
— dedos	pallacate
— mão	apokenal lakalè
— pés	litol (6)
— pássaro	cohò
— peixe	nahi
— carne	lahàte
— água	ivariàke (7)
— fogo	ànnorèkè (8)
— veado	navanèke
— cavalo	sipègàkà

(1) A pronúncia do r é extremamente carregada.
 (2) Apóia-se demoradamente os dois ll.
 (3) Eleva-se a voz pronunciando a última sílaba.
 (4) Eleva-se sensivelmente a voz ao pronunciar as duas últimas sílabas.
 (5) A penúltima sílaba longa, a última pronunciada com mais força e voz mais elevada.
 (6) O último i participa do som do e.
 (7) Em lahàte e ivariàke o e final não se faz sentir mais que o e mudo francês.
 (8) A primeira sílaba muito longa, as outras muito breves, a segunda um pouco menos fechada que o e francês.

Figura 1: Registro de palavras feito por Saint-Hilaire em “Viagem ao Rio Grande do Sul”.

Na figura acima, Auguste de Saint-Hilaire apresenta, primeiramente, uma lista de palavras sob o título de “Palavras da língua dos guaicurús”, na qual ilustra vocábulos

indígenas correspondentes a algumas palavras da língua portuguesa (como: cabeça = caik; céu = pigome; sol = navarrèra, etc.). Além das palavras, há também a transcrição de uma canção, acompanhada da transcrição em língua portuguesa e de comentários sobre a pronúncia.

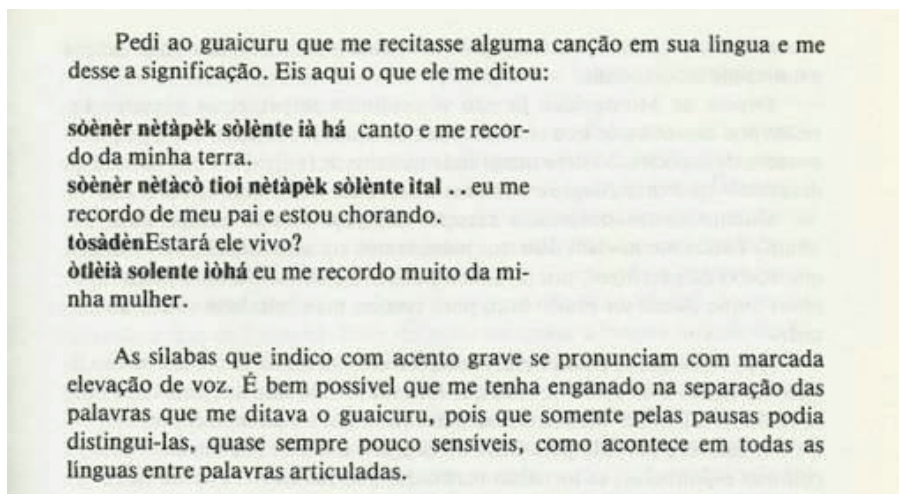


Figura 2: Registro de uma canção feito por Saint-Hilaire em “Viagem ao Rio Grande do Sul”. (1987, p. 237)

Esses registros contribuem para marcar as diferenças entre o português trazido de Portugal e o português falado no Brasil, mesclado por muitas línguas, assinalando assim diferenças entre línguas e sujeitos inseridos em histórias diferentes, pois sabemos, que o sujeito é tomado pelo discurso e pela ideologia que o constituem. Isso implica, para Paul Henry, tomar o sujeito como um sujeito histórico e a linguagem como essencial na sua constituição. Em suas palavras:

[...] o que é essencial, assim mesmo, é [...] o que a linguagem faz com esse ser [...]. Em um universo de linguagem, o que acontece para que isso fale, o que isso faz com o ser para que ele seja falante? Penso que é isso o sujeito. Para dizer de outro modo, não há ser, não há sujeito, sem linguagem. (HENRY, 2013, p. 9).

Nesse sentido, buscando a compreensão do funcionamento do discurso do viajante sobre a língua e o habitante gaúcho, faz-se necessário discutirmos a noção de sujeito, pois esta, juntamente com a noção de língua, norteia o estudo que desenvolvemos acerca do discurso presente em “Viagem ao Rio Grande do Sul”.

Para a Análise de Discurso, tal como é concebida por seu fundador, Michel Pêcheux, o sujeito é compreendido “enquanto efeito ideológico elementar”, pois é “enquanto sujeito que qualquer pessoa é “interpelada” a ocupar um lugar determinado no sistema de produção” (HENRY, 2010, p.31). Segundo Paul Henry, essa noção é formulada

por Pêcheux a partir de uma releitura que este faz de Althusser e tomada como a concepção mais coerente para referir-se à ligação entre discurso e prática política.

Outra noção importante a esse trabalho é a de língua. Pêcheux propõe pensar a língua não como uma forma estanque, sistemática, mas como um espaço que dá unidade para as contradições ideológicas (PÊCHEUX, 2009, p. 83). E, ao discutir a possibilidade de a língua ser um “instrumento de comunicação”, como era concebida por alguns estudiosos da época, ele sugere que essa expressão seja tomada em sentido figurado, na medida em que “esse instrumento permite ao mesmo tempo, a comunicação e a não-comunicação, isto é, autoriza a divisão sob a aparência da unidade, em razão de não estar se tratando, em primeira instância, da comunicação de um sentido” (*Idem, ibidem*). O que entendemos a partir do que é proposto por Pêcheux é que há uma regularidade na língua, pois, esta é a materialidade do discurso, e todo discurso, sabemos, já está posto em algum lugar, no interdiscurso. Por outro lado, a cada discurso, novos sentidos ecoam/retomam, significando diferentemente a cada movimento do sujeito; sujeito que é atravessado pela ideologia, constituído por sentidos, que não são do seu controle, embora essa ilusão lhe seja constitutiva.

Ainda, considerando as relações entre língua e sujeito, ao tomarmos como objeto de estudo o relato de viagem, para estudarmos uma questão de língua, é preciso recorrer a Auroux (1992, p. 36), segundo o qual, sem a “revolução técnico-linguística”, “as ciências modernas não teriam sido possíveis nem em sua origem, nem em suas consequências sociais”. Orlandi (1990, p. 79), ao olhar para o discurso dos viajantes sob a perspectiva da História das Ideias Linguísticas, afirma que há “um modelo de descrição, uma disciplina que se inscreve no interior mesmo dos relatos”. Para nós, “refletir sobre a maneira como construímos um saber sobre a língua [...] faz parte da constituição da própria língua e orienta uma relação com ela” (ORLANDI, 2009, p. 91). Embora não tenhamos a pretensão de encontrar ou demarcar um lugar de fundação para a língua que se fala e pela qual se produz instrumentos linguísticos, como o dicionário, e literatura regionalista no sul do Brasil, pretendemos saber um pouco mais acerca desta língua e contribuir com as pesquisas na área.

Vimos que Nunes considera os relatos de viagem como os precursores de um discurso lexicográfico nacional. Desse modo, podem ser tomados “como um espaço de memória que se estabelece e que será, no decorrer do tempo, atualizado, esquecido, transformado, reivindicado, conforme as conjunturas históricas das práticas lexicográficas”

(NUNES, 2006, p. 86). De outro modo, diz Auroux: afirmar que “todo saber seja um produto histórico significa que ele resulta a cada instante de uma interação das tradições e do contexto” (1992, p. 15).

Isso confere ao relato de viagem uma inegável importância enquanto participante da construção do processo de instrumentalização das línguas, especialmente em nações que foram colonizadas. Essa compreensão está embasada na reflexão proposta por Petri (2012), que propõe desvincular, um pouco, o processo de dicionarização do processo de gramatização, este que é compreendido como “o processo que conduz a descrever e a instrumentalizar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário.” (AUROUX, 1992, p.65). Nesse sentido, observando verbetes de dicionários regionalistas que se referem aos relatos de Saint-Hilaire, é possível pensar a instrumentação da língua sem o objetivo principal de gramatizar. Vejamos dois verbetes retirados do “Vocabulário Sul Rio Grandense” (org. Walter Spalding), editado em 1964.

CHIMARRÃO: “[...] Como contribuição a essa investigação, apresento ao leitor, sem simpatia absoluta por nenhuma delas, as fontes que se seguem: Saint-Hilaire, em *Voyage dans Le District des Diamants*, citado por Massé, na sua obra *D. Pedro II*, diz: “L’on ne voit plus que des bandes de chiens marrons”. Daí quererem alguns que venha a palavra que nos ocupa” (p.123).

LICHIGUANA: “[...] Etim. Do quíchua lachihuana. No dia 31 e janeiro de 1821, Saint-Hilaire, acampado entre os Arroios Santana e Guarapuitã, atual município de Uruguaiana, tendo com dois de seus peões, comido mel de lichiguana, foram envenenados e sofreram sintomas graves durante cerca de oito horas [...]”.

O que temos acima são observações de um viajante, enquanto o processo de gramatização de uma língua pressupõe certa tomada de consciência do sujeito e depende de um profissionalismo, de saberes que são próprios do trabalho de um dicionarista, de um lexicógrafo. Ao observar o funcionamento de um dicionário regionalista gaúcho, Petri afirma que nesse instrumento há uma preocupação específica, que é a de “garantir um vocabulário facilitador de leitura das obras literárias, mitológicas e folclóricas” (PETRI, 2012, p.31), enquanto os objetivos estão voltados para um “compromisso que se estabelece com a linguagem da região”, com um falar que é regional (*Idem, ibidem*). Essa peculiaridade é que permite Petri afirmar que o dicionário regional “não é um pilar de saber metalinguístico da língua portuguesa como um todo, ele é parcial” (2012, p. 35), porque os verbetes que compõem esse instrumento podem ou não fazer parte do dicionário

de língua nacional, haja vista que se referem ao falar de um grupo social bem específico, regional, e sua constituição, portanto, não se refere, necessariamente, às relações entre língua e nação.

2. O funcionamento do discurso do viajante na história

Considerando que os sentidos não surgem do nada, apresentamos a partir de agora uma discussão para pensar como se dá constituição do discurso, tomando como *corpus* um pequeno fragmento da Carta de Caminha e outro dos relatos de Saint-Hilaire, observando ainda como se dá a construção do imaginário sobre o outro. Para tanto, é preciso prestar atenção nos movimentos dos sentidos, é preciso, principalmente, compreender que o discurso “[...] não é jamais um objeto primeiro ou empírico. É o lugar teórico em que se intrincam literalmente todas as grandes questões sobre língua, a história, o sujeito” (MALDIDIER, 2003, p.15). Em reflexão apresentada por Pêcheux, em “Semântica e Discurso”, destaca-se a relevância de se formular as condições conceituais que permitam analisar, cientificamente, o discurso. Para Pêcheux, a paráfrase, que prefere conceber como histórico-discursiva, é uma questão importante para pensar os processos discursivos e contempla no seu interior a metáfora, bem como a metonímia. (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 274-267). Para Orlandi, “essas duas formas – a paráfrase e a metáfora – trabalham continuamente o dizer, de tal modo que todo discurso se faz nessa tensão: entre o mesmo e o diferente” (2007, p. 36). A distinção entre um processo e o outro, segundo a linguista, consiste no fato de que um diz respeito aos sentidos que se mantêm no dizer, que são da ordem do dizível, estão postos na memória; o outro corresponde aos possíveis deslocamentos, aos deslizos que ocorrem no discurso, as rupturas, os equívocos. São esses movimentos que permitem também a afirmação de que os sentidos e os sujeitos podem ser outros, mas isso não significa uma certeza, eles significam conforme são afetados pela língua e pela história. Já Petri, a partir de várias leituras realizadas para pensar o funcionamento da paráfrase na pesquisa realizada acerca do discurso literário sobre o gaúcho, afirma que:

[...] embora a paráfrase realize um retorno ao mesmo espaço dizível, ela não funciona apenas reiterando sentidos já ditos, pois quando isso ocorre estamos nos deparando com um efeito de sentido de reiteração, um efeito de evidência (constitutivo, mas não único); bem como a noção de paráfrase não deve ser tomada em contraponto à de polissemia, pois opondo essas nações, mesmo em relação de tensão, estamos jogando para fora da paráfrase a possibilidade a produção de sentidos outros que não os esperados (PETRI, 2004, p. 218).

Tomando como base essas considerações, ao analisarmos o discurso do viajante sobre a língua e o sujeito, explicitamos as tensões que ocorrem entre as reiteraões de sentidos já cristalizados e as possíveis rupturas, os possíveis deslizamentos dos sentidos, enfim, seus movimentos.

Nessa trajetória fomos compreendendo o que significa: “todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). É desse jogo que tiram seus sentidos.” (ORLANDI, 2007, p.33). Vejamos como se dá isso no discurso do viajante, numa comparação/contraposição de dois discursos:

CARTA DE CAMINHA	VIAGEM AO RIO GRANDE DO SUL
“[...] a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.” (CAMINHA, p.14)	“Meu hospedeiro elogiou muito as terras desta região, que acredita nunca se esgotarem, produzindo em abundância trigo, milho, algodão, feijão, arroz, amendoim, mandioca, melancia, abóbora, melão e todas as frutas da Europa [...] As primeiras sementeiras se fazem em maio, junho ou julho e se recolhe em novembro ou dezembro. Imediatamente após, semeia-se uma segunda vez para colher em março. Podem-se cultivar com igual sucesso os campos e os bosques; e todos os capões, indistintamente, oferecem terreno absolutamente bom [...]” (Saint-Hilaire, p. 291).
“Também andavam, entre eles, quatro ou cinco mulheres moças, nuas como eles, que não pareciam mal. Entre elas andava uma com uma coxa, do joelho até o quadril, e a nádega, toda tinta daquela tintura preta; e o resto, tudo da sua própria cor. Outra trazia ambos os joelhos, com as curvas assim tintas, e também os colos dos pés; e suas vergonhas tão nuas e com tanta inocência descobertas, que nisso não havia nenhuma vergonha.” (CAMINHA, p.7)	“Os homens cobrem cuidadosamente os órgãos sexuais. As mulheres, ao contrário, não têm pudor e numerosas vezes, as vi banharem-se inteiramente nuas diante dos homens.” (Saint-Hilaire, p. 281).

É pela observação do fio do discurso que vamos compreendendo que as palavras não só nossas, elas já estão lá, já foram ditas em outro lugar, já estão significando na história. Vemos acima que as palavras de Caminha se repetem no discurso de Saint-Hilaire. O que é dito no século XVI continua significando três séculos depois. Há uma memória, um já dito, que se ressignifica nas palavras do viajante francês. É o interdiscurso atravessando o intradiscurso. É desse jogo que se tiram os sentidos, é desse jogo que se reafirmam, estabilizam-se e, por vezes, instauram-se novos sentidos. Em outras palavras, podemos dizer, recorrendo a Pêcheux, “não é o homem que produz os conhecimentos

científicos, são os homens, em sociedade e na história, isto é a atividade humana social e histórica.” (PÊCHEUX, 2009, p. 172). Não há discurso puro, não há discurso neutro, nem mesmo do cientista, do botânico. O que há é um discurso significando com outros, na história. Afinal “é aí que trabalha a Análise de Discurso: nesse entremeio entre a transparência e a opacidade da linguagem, mas também do sentido, do sujeito” (SILVA, 2014, p.6). Assim, se inicialmente procurávamos saber mais sobre o sujeito gaúcho, com o decorrer do trabalho, ficamos sabendo mais sobre o sujeito, dito gaúcho, mas que é acima de tudo brasileiro, pois tanto no discurso de Caminha quanto no discurso de Saint-Hilaire nos deparamos com o sujeito da Terra Brasilis. Sem dúvida, o discurso do viajante sobre o sujeito que ele está conhecendo estabelece relações com outros discursos já estabilizados numa memória, dando continuidade ao fio discursivo que se tece sem cessar, pois o discurso sobre a língua ancora-se no que o viajante já conhece sobre as línguas europeias, no que já conhece a partir do discurso de outros viajantes sobre as línguas, no discurso da civilização, dos homens civilizados, das línguas ditas civilizadas; mas, ao mesmo tempo, tem um quê de encantamento pelo novo que a experiência da viagem sempre proporciona.

E, então, vemos que, entre uma língua e outra muita coisa flui - as relações entre os homens, as práticas sociais. Há uma mistura que a gramática não controla; mas o que prevalece é a língua escrita, a língua da religião, a língua que é ensinada pela civilização. Essa língua é defendida pelo viajante e ela que nos dá a conhecer a história. E o sujeito para existir tem de se apropriar dessa língua que é escrita, civilizada. E nessas relações, entre língua, sujeito e sentido, vemos que os lugares para um e outro estão já determinados, mas isso não significa que não derivam para outras posições. É na relação tensa do simbólico com o real e o imaginário que sujeito e sentido se repetem e se deslocam. É a tensão das relações entre línguas, a tensão da necessidade que faz Saint-Hilaire escrever “disse-lhes em português”⁷, implorando socorro ao sujeito que é feio, que é lento, que é cruel, que é impiedoso; porque o sujeito significa em condições determinadas, pela língua e pelo mundo. E, se em condições determinadas, ora sujeito e língua devem ser silenciados; em outras condições, a língua é a língua (que é da oralidade e que não é da religião) que pode salvar, o sujeito pode ser bom, generoso, dócil, nobre.

⁷ O contexto de produção desse enunciado diz respeito a uma intoxicação que Saint-Hilaire sofreu ao experimentar o mel de abelhas selvagens, e a Sequência Discursiva de que faz parte é a que segue: “Meus amigos”, disse-lhes eu em português, “sinto que vou morrer neste deserto, longe da minha família e de meu país; rondam-se sombras da Morte [...]. Matias eu lhe perdão pelo mal que me fez. Laruotte, saiba que minhas coleções pertencem ao Museu da História Natural; meus manus- critos devem ser remetidos à minha família”. Quis falar em francês, mas só se apresentavam à minha memória palavras portuguesas [...].

Considerações finais

Por fim, considerando o trabalho realizado, entendemos que o viajante vivia em constante tensão com a língua, e que a “sua” língua já não era a língua francesa (simplesmente), pois ele se expressa (discursivisa) com uma língua que é *partida* (MEDEIROS, PETRI, 2013). A língua partida que “é a língua imaginária, mas, ao mesmo tempo, difusa, entrecortada, entre línguas. É a língua imaginária que ocorre num espaço de tensão, apontando para sua fluidez. Isso não significa línguas separadas, mas significa que as línguas não podem ser tomadas como unas” (MEDEIROS; PETRI, 2013), significa que sofre influência de várias outras línguas. O discurso pressupõe uma língua, só assim é possível produzir um discurso sobre a língua. O discurso do viajante é, então, heterogêneo, porque há uma língua que é a portuguesa, há a língua francesa, há a língua inglesa; há uma língua indígena e há uma linguagem própria do lugar. Há a língua apagada, silenciada, e há a língua que deve ser ensinada. E “tratar da língua e das tensões que nela e por ela se instauram é tratar da questão do sujeito” (Idem, p. 47).

Afinal, nem o sujeito nem o sentido significam de forma acabada; estão sempre retornando a algum lugar do dizível, do que já foi dito. Ao mesmo tempo, nessa repetição, algo novo pode fazer ecoar sentindo diferentes, outros. Tem-se, então, a polissemia, apontando para os deslocamentos, os deslizos, os sentidos outros, heterogêneos. Logo, a tensão está estabelecida, entre o já dito e o novo, entre o mesmo e o diferente, entre paráfrase e polissemia, porque os sentidos estão sempre se repetindo; todavia, estão continuamente vulneráveis ao equívoco, ao deslize, afetados pela língua na história. Desse modo, se há uma língua heterogênea, há também um sujeito heterogêneo, que ora é dócil, ora é cruel, ora é civilizado, ora é bárbaro. E assim, então, passam a significar língua e sujeito, heterogêneos, porque isso lhes é próprio. Homem e sentido movimentam-se e vão instituindo sentidos para a história. Ademais, isso ocorre porque “viviam-se em um espaço-tempo de conflitos e confrontos em que se instituía sentidos e posições de sujeito em formações discursivas heterogêneas, quando não antagônicas” (SILVA, 2013, p. 305).

Nesse trabalho, tentamos compreender e explicitar como se dá, nessa textualidade, própria dos relatos e das descrições, a construção dos sentidos sobre a língua, sobre o sujeito. “Viagem ao Rio Grande do Sul” pode, enquanto objeto histórico, dizer sobre as relações do sujeito com os sentidos, das relações que fazem história, que passam a instituir/estabilizar sentidos da/para a sociedade, para os sujeitos, seja na atualização de

uma memória, como vimos no discurso do viajante sobre o sujeito gaúcho, seja contribuindo com o processo de dicionarização de uma língua.

Referências

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas: Unicamp, 1992.

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, Françoise; HAK Toni. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Bethânia S. Mariani et al. 4ª Ed. – Campinas, SP: UNICAMP, 2010.

ORLANDI, E. O discurso não funciona de modo isolado. **Jornal da Unicamp**, Campinas, 16 dez. 2013. Disponível em: < <http://www.unicamp.br/unicamp/ju/587/o-discurso-nao-funciona-de-modo-isolado>>. Acesso 17 jan. 2014.

MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso**: (Re)ler Michel Pêcheux Hoje. Tradução Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MEDEIROS, V.; PETRI, V. Da língua partida: nomenclatura, coleção de vocábulos e glossários brasileiros. **Revista Letras**. Programa de Pós-graduação em Letras-UFSM, jan./jun. 2013a, n. 46, p.43-66.

NUNES, J. H. **Dicionários no Brasil**: análise e história do século XVI ao XIX. Campinas: Pontes, 2006.

ORLANDI, E. **Terra à vista**: discurso do confronto – velho e novo mundo. São Paulo: Cor-tez, 1990.

ORLANDI, E. **Língua e conhecimento linguístico**: para uma história das idéias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, E. **Língua brasileira e outras histórias**: discurso sobre língua e ensino no Brasil. Campinas: Editora RG, 2009.

PAIM, Z. M. V. **O movimento dos sentidos**: de utopia à conversão. 2009. 245 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2009.

PETRI, V. **Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário**: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira Fechada, de Cyro Martins. 2004. 322 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2004.

PETRI, V. Gramatização das línguas e instrumentos linguísticos: a especificidade do dicionário regionalista In: **Línguas e Instrumentos Linguísticos**. Campinas, SP: Editora

RG, 2012, n. 29, p.23-38. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/index.html>. Acesso em: 8 set. 2013.

SAINT- HILAIRE, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: ERUS, 1987.

SILVA, M. V. da. Língua Nacional - Escola Nacional. In: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane; (Orgs.). **Análise de Discurso em perspectiva**: teoria, método e análise. Santa Maria, RS: Editora UFSM, 2013, p.297-310.

SILVA, M. V. da. As cartilhas na sociedade do conhecimento. In: ORLANDI, E. [et al...](Orgs.). **Entremeios**. Pouso Alegre, MG: Editora da Univas, 2014, p.1-13.

SPALDING, W. **Vocabulário Sul-Rio-Grandense**. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Ed. Globo, 1964.

Daiane da Silva Delevati é mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria/UFSM, licenciada em Letras: Habilitação Português e Literaturas da Língua Portuguesa, pela mesma Universidade e professora de Língua Portuguesa e Literatura da Secretaria do Estado do Rio Grande do Sul. (delevatidaiane@yahoo.com.br)